

# Acervos Museológicos em Ambiente Digital

Maria De Simone Ferreira<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v10i19.39572

A concepção deste dossiê originou-se das experiências recentes e, cada vez mais, crescentes empreendidas pelos museus brasileiros na implementação de ações de digitalização e difusão dos acervos museológicos e da sua documentação em ambiente digital. A proposta inicial do dossiê apresentava-se, portanto, como um primeiro passo para estimular o debate sobre as possibilidades e os desafios do desenvolvimento de uma prática museológica dedicada à cultura digital como meio de preservar o patrimônio cultural musealizado e democratizar seu acesso.

No entanto, a partir de março de 2020, momento em que a Organização Mundial da Saúde decreta a pandemia do novo coronavírus, as discussões sugeridas pelo dossiê adquiriram uma outra dimensão; planejando-se ou não, a sociedade e suas instituições foram forçosamente catapultadas para o território digital. Nesse sentido, os presentes artigos retratam facetas dessa premência, agora, mais do que antes, incontornável, pela inserção dos museus na era digital.

Questões como a carência de profissionais de museus capacitados para lidar com a linguagem digital, bem como a defasagem da infraestrutura tecnológica das instituições museológicas brasileiras são unanimidade nos artigos aqui publicados. Contudo, essas adversidades operacionais em nada arrefecem o desejo daqueles que atuam no campo museológico de aprimorar seus conhecimentos e de fundamentar suas práticas rumo a uma efetiva revolução digital dos museus.

O dossiê compreende três dimensões de abordagem possíveis sobre o tema dos acervos museológicos em ambiente digital. Uma primeira abordagem diz respeito à dimensão comunicacional dos museus, com ênfase, de tal modo, na análise da interação entre visitante/usuário e os acervos disponibilizados *online*. Inaugura essa dimensão de leitura do dossiê o artigo *A tela digital e a experiência do museu na era da intermediação eletrônica*, no qual a autora Carolina da Rocha Carlos Matos analisa iniciativas de instituições culturais brasileiras e estrangeiras no âmbito da digitalização e da publicação de acervos na Internet para demonstrar as mudanças na interação entre patrimônio cultural e público provocadas pela tela digital neste novo milênio. A autora argumenta que a difusão digital dos acervos exige das instituições uma nova lógica expositiva voltada para as especificidades do ciberespaço, na qual as experiências virtuais sejam criadas em consonância com o novo modelo de percepção visual da era digital, e compreendendo o espectador como agente ativo na dinâmica cultural.

Em perspectiva semelhante quanto à agência do processo comunicativo centrada nos sujeitos, Viktor Chagas e Beatrice de Melo Silva, no artigo *Notas sobre o patrimônio memel*, refletem sobre a constituição de acervos nato-digitais a partir da experiência do projeto #MUSEUdeMEMES, webmuseu dedicado aos memes de Internet de grande circulação no Brasil. O artigo lança luz sobre a

---

<sup>1</sup> Museóloga pela Unirio, especialista em Patrimônio pelo Iphan/Unesco, mestre e doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Atua como museóloga e pesquisadora na Reserva Técnica do Museu Histórico Nacional, dedicando-se à documentação, à digitalização e à pesquisa de acervo. Atualmente, coordena o projeto de pesquisa “Oreretama: uma nova conceituação para a exposição de arqueologia do Museu Histórico Nacional (2006-2022)”.

ausência de uma abordagem museológica eficiente para coletar, documentar e armazenar objetos digitais. A coleção de memes de Internet desvela a dificuldade dos museus em lidar com a preservação da cultura popular da Internet, sem, assim, reconhecer os memes como importante registro da memória coletiva pela sociedade contemporânea. Chagas e Silva propõem, ainda, soluções viáveis para a gestão do patrimônio memeal, e desafiam os museus tradicionais a incorporar a seus acervos coleções de memes.

O tratamento e o estudo do objeto digital pelos museus são temas igualmente debatidos por Thiago Carrapatoso em seu artigo *Digitalização para além do inventário*. Carrapatoso chama atenção para a função predominantemente administrativa e interna aos museus quando da digitalização de acervos com a finalidade de inventário, e questiona o impacto que tal prática gera em relação à fruição do usuário. Ao passo que as instituições museológicas não investem em fazer da tecnologia o epicentro de suas discussões sobre narrativa, interpretação e disponibilização de acervo *online*, o autor pondera que a produção do conteúdo curatorial sobre acervos na versão digital acaba por se mostrar mais competente nas mãos das plataformas privadas, o que compromete a ampliação do público potencial dos museus.

Já em *Compartilhamento de acervos na internet: reflexões a partir da prática*, Juliana Monteiro, com base em sua experiência junto à parceria entre o Museu da Imigração de São Paulo e a Wiki Educação Brasil, apresenta oportunidades aos museus brasileiros no sentido de tornar o conteúdo digital de seus acervos acessível ao maior número possível de pessoas. A autora propõe os projetos *GLAMWiki* e o uso de licenças *Creative Commons* como via possível para o compartilhamento de acervos de forma colaborativa, aberta e gratuita, a despeito dos problemas de infraestrutura e de pessoal de Tecnologia da Informação e Comunicação nos museus. Para Monteiro, os museus precisam “pôr os acervos no mundo” para que os cidadãos se apropriem de seu patrimônio cultural e a instituição museu atualize e legitime sua função social.

A segunda abordagem do dossiê enfatiza a dimensão preservacionista concernente aos acervos por meio da informatização da documentação museológica. O artigo *Tráfico ilícito de bens culturais e “boas práticas” para combate: documentação museológica e Object ID como prevenção*, de Diana Farjalla Correia Lima, aborda a padronização dos procedimentos técnicos da documentação museológica como “boa prática” preventiva para a gestão de riscos relativa ao tráfico ilícito de bens culturais móveis. A pesquisadora dá relevo às ações e estratégias nacionais e internacionais de combate ao roubo de obras de arte e antiguidades, dentre as quais notabilizam-se o banco de dados da Interpol e a plataforma eletrônica do ICOM, que contam com a *Object Identification Norm* (Fundação Getty) como modelo internacionalmente aceito de inventário para a identificação e a recuperação da informação cultural dos objetos em caso de roubo.

Amanda de Almeida Oliveira, por sua vez, em *A experiência da difusão dos acervos dos museus do Ibram: a implantação do projeto Tainacan*, percorre a trajetória do Instituto Brasileiro de Museus na construção de uma base de dados padronizada que permita o registro e a busca integrada dos acervos dos museus no país. Deste processo, sobressai-se o projeto Tainacan para o desenvolvimento de um software livre com o objetivo de criar repositórios digitais para a difusão dos acervos culturais. Oliveira aponta como repercussão da implantação desta ferramenta nos museus a qualificação da documentação museológica para fins de publicação *online* dos acervos.

Em *Redes de Itaipu: o desenvolvimento de um modelo de documentação museal cidadã*, Rose Moreira de Miranda dialoga com o artigo anterior no sentido em que, ao propor o desenvolvimento de uma documentação museal cidadã para a Coleção Pessoas e Memórias (depoimentos de atores sociais atrelados ao Museu de Arqueologia de Itaipu), se utiliza da flexibilidade de customização da plataforma Tainacan para testar o vocabulário controlado gerado por sua pesquisa. Ressalte-se da proposta de Rose Miranda a intenção de contar com os pressupostos da Museologia Social para criar um modelo de documentação museal que partilhe todo o processo com a inteligência coletiva local, conferindo protagonismo aos saberes e discursos da comunidade de Itaipu.

O artigo *A documentação museológica das coleções de ciência e tecnologia em ambiente digital: o caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins*, de coautoria de Claudia Penha dos Santos e Maria Lúcia de Niemeyer Matheus Loureiro, examina o lugar secundário das atividades de documentação nos museus, apesar de seu papel essencial para o conhecimento do acervo e sua preservação, e frisa sua atual dimensão pública com a demanda por digitalização dos acervos. As pesquisadoras dedicam-se à análise e à descrição das particularidades do processo de documentação em ambiente digital dos acervos de ciência e tecnologia do MAST, e demonstram, ainda, preocupação quanto à preservação desta nova etapa da história da documentação nos museus.

A última abordagem deste dossiê evidencia a necessidade de atuação sincrônica de profissionais oriundos de diferentes campos do conhecimento, com vistas ao avanço das discussões e das práticas de aplicação tecnológica voltada para os acervos museológicos. Nesta terceira dimensão do tema aqui proposto, são aportados os olhares de pesquisadores das ciências exatas e biológicas, que trazem como contribuição novas ferramentas tecnológicas enquanto soluções factíveis para os desafios suscitados nos artigos anteriores.

*Visualização de metadados como ferramenta de apoio à curadoria digital de coleções científicas biológicas*, escrito por Asla Medeiros e Sá, Franklin Oliveira e Cristiana Silveira Serejo, aborda a metodologia de aplicação inédita de técnicas de visualização da informação para a curadoria digital de coleções científicas biológicas. Os pesquisadores trabalharam em parceria com o propósito de aprimorar o tratamento de metadados digitais da biodiversidade das coleções do Museu Nacional através de sua representação visual, para, então, detectar padrões e identificar anomalias e normalizar o banco de dados visando a sua publicação para a comunidade científica.

Em sintonia com o artigo precedente e finalizando este compêndio, Renato Pereira de Freitas apresenta, em *O uso de técnicas físico-químicas de análise como suporte na conservação, catalogação e investigação forense de acervos museológicos*, três estudos de caso de uso de técnicas físico-químicas de análise aplicadas a diferentes objetos de acervos de museus brasileiros. Freitas acredita que esta tecnologia de arqueometria possa vir a se estabelecer como ferramenta de suporte de uso sistemático na rotina dos profissionais de museus para a catalogação, a conservação e a investigação forense de acervos.

Os artigos deste dossiê descortinam os percalços enfrentados pelas instituições de cultura, notadamente os museus, na tarefa urgente de se adequar ao universo digital. Ainda assim, a cultura e o conhecimento produzidos, estudados, preservados e compartilhados por intermédio dos acervos museológicos resistem firmes em toda a sua potência. O investimento de todas as ordens para viabilizar a exploração da linguagem digital faz-se, entretanto, incontestável

para que os museus possam permanecer em diálogo com a sociedade e evoluir enquanto fenômeno multifacetado da cultura contemporânea. Este amadurecimento das discussões sobre acervos museológicos em ambiente digital é o que esse dossiê pretende evidenciar como base para as mudanças necessárias.